



## **TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM PANORAMA A PARTIR DA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Mary Jécksam da Conceição Oliveira; Jardiene Manuela Santos da Silva;

*Universidade Federal de Pernambuco, [maryjecksam@gmail.com](mailto:maryjecksam@gmail.com); Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, [jardienemanu@hotmail.com](mailto:jardienemanu@hotmail.com).*

**RESUMO:** *Introdução:* O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é o termo utilizado para definir um distúrbio de desenvolvimento complexo, sendo compreendido por uma perspectiva comportamental, com etiologias múltiplas e graus variados de gravidade. O transtorno autista ou autismo é caracterizado por dificuldades em várias áreas, tais como, comunicacional, comportamental, áreas de interação e habilidades sociais. As manifestações comportamentais que definem o autismo incluem déficits qualitativos na interação social e na comunicação, padrões de comportamento com sinais repetitivos estereotipados, um repertório restrito de interesses e atividades. O diagnóstico do autismo é, sobretudo, clínico e a avaliação de indivíduos autistas requer uma equipe disciplinar e o uso de escalas objetivas (GADIA; TUCHMAN; ROTTA, 2004, p. 586). As escalas consistem, primordialmente, nos sinais e sintomas, contudo têm por base os critérios estabelecidos por DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria) e pelo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças da OMS). Os sintomas costumam estar presentes antes dos 36 meses de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses, segundo Chakrabarti, (2009); Chawarska et al., (2007); Noterdaeme & Hutzelmeyer-Nickels, (2010) Citado por Zanon, Backes e Bosa(2014) a maior parte das crianças apresentam problemas no desenvolvimento entre os 12 e 24 meses sendo que alguns desvios qualitativos no desenvolvimento aparecem antes mesmo dos 12 meses de idade. Estudos apontam que a estimativa de prevalência do TEA é 62/10.000, com uma incidência de quatro vezes maior em meninos do que em meninas (FOMBONNE, 2009; apud ZANON; BACKES; BOSA, 2014, p. 25). Existem diversos que destacam a intervenção precoce da doença como fator fundamental para a melhoria do quadro clínico do autismo, gerando ganhos significativos duradouros no desenvolvimento da criança. A intervenção precoce envolve diversos serviços, não só no contexto da saúde, mas da educação e nesse sentido, com a atual Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a inclusão do aluno com TEA, bem como, o acesso e permanência na escola se constitui direito inalienável. A Educação Especial enquanto modalidade transversal que perpassa todos os níveis da educação tem como público alvo crianças com



deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação as quais além do acesso ao ensino regular são ofertados serviços de ordem complementar e/ou suplementar no AEE com vistas ao desenvolvimento biopsicossocial dos alunos. A partir dessa realidade compreendemos que a temática aqui referida tem desencadeado a necessidade de aprofundamento das discussões, pois esse debate tem adentrado ao ambiente educacional de forma que a escola tem vivenciado desafios causando inquietações nos sujeitos que a compõe. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo construir um panorama sobre os estudos referente ao Transtorno Espectro Autista desenvolvidos no presente ano a fim de elucidar as discussões atuais.

**Metodologia:** Como procedimento metodológico foi realizado uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico com foco nas publicações da Revista Brasileira de Educação Especial a fim de identificar as temáticas discutidas no ano de 2016. Para tanto efetuamos uma busca com os descritores TEA, Educação e Autismo, na base de dados do Scielo e do Google Acadêmico, onde foi possível identificar quatro estudos.

**Resultados e Discussão:** Os estudos encontrados trazem temáticas distintas e conforme nosso foco foram publicados no corrente ano. Esses trazem as seguintes temáticas: Escolarização dos alunos com autismo (LIMA; LAPLANE, 2016); Ensino de sílabas simples, leitura combinatória com compreensão para aprendizes com autismo (GOMES; SOUZA, 2016); Dificuldade e sucesso dos professores de educação física em relação à inclusão escolar (FIORINI; MANZINI, 2016); A eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (LOURENÇO, et al, 2016). A partir de leitura prévia dos textos, analisamos a constituição dos trabalhos. No primeiro estudo as discussões se dão em torno da escolarização dos alunos com autismo, trata-se de um estudo descritivo que analisou os microdados do município de Atibaia provenientes do Censo da Educação Básica entre 2009 e 2012. O principal objetivo do estudo foi analisar o acesso e a permanência das pessoas diagnosticadas com autismo e compreendendo as dificuldades de interação social e de comunicação, os autores se dispuseram a analisar estes sujeitos na escola e verificar quais os apoios terapêuticos e educacionais aos quais eles tiveram acesso. Os resultados mostraram que as matrículas destes alunos estão concentradas no ensino regular e na rede pública, no entanto, parte desses, são atendidos por instituições de educação especial. O estudo ainda aponta que há uma grande evasão escolar mostrando que, de forma geral, o processo de escolarização de alunos com autismo não se conclui e poucos chegam ao ensino médio. Há controvérsias nas matrículas o que evidencia a permanência de um modelo segregador visto que parte dos alunos recebem atendimento, porém, o apoio necessário a permanência não é ofertado. A evasão como



mencionado é um problema evidente e constitui-se enquanto desafio a ser superado no sentido aplicável da inclusão. Poucos alunos têm suas matrículas completas indicando grandes dificuldades no processo de escolarização, bem como que as garantias expressas na lei encontram-se distantes da inclusão à medida que o aluno tem acesso, mas sua permanência na escola é incerta. (LIMA; LAPLANE, 2016). O segundo estudo analisado, cujo tema foi o ensino de sílabas simples, leitura combinatória com compreensão para aprendizes com autismo, levanta uma discussão sobre as crianças com autismo possivelmente terem dificuldades em aprender leitura e a interpretação de texto. As autoras objetivaram no estudo realizar uma avaliação do ensino de leitura oral e de leitura com compreensão, e para isso contou com a participação de três meninos com autismo, não alfabetizados, com idades entre cinco anos e nove meses e nove anos e nove meses, falantes e estudantes de escolas comuns. Para tanto, realizaram seis conjuntos de ensino que consistiu no ensino direto de nomeação de sílabas simples e no ensino de nomeação de figuras a fim de que os alunos estabelecessem uma leitura combinatória, compreensiva a partir de palavras compostas por sílabas simples, combinação das sílabas ensinadas e da formação de classes de estímulos equivalentes. Mediante a análise dos dados foi possível perceber que o procedimento aplicado favoreceu a aprendizagem e a manutenção da leitura combinatória com compreensão, com algumas sessões de ensino e com baixo número de erros durante o processo. Em termos gerais, o instrumento utilizado no processo de ensino foi considerado uma estratégia que pode ser utilizada pelo docente (GOMES; SOUZA, 2016). Fiorini e Manzini (2016) por sua vez, traçam uma discussão sobre as dificuldades e sucessos de professores de educação física em relação à inclusão escolar. O estudo teve como objetivo identificar as situações de dificuldades e as situações de sucesso de dois professores de Educação Física, em turmas regulares em que há alunos com deficiência e alunos com autismo matriculados, para subsidiar o planejamento de uma formação continuada. Houve a participação de dois professores de Educação Física que atuavam em Escola Municipal de Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, de uma cidade da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo, estes realizaram filmagens de 12 aulas de P1 e 16 aulas de P2. Os resultados demonstram que os dois professores encontraram dificuldades para incluir os alunos com deficiência e alunos com autismo, entretanto eles também vivenciavam situações de sucesso. As filmagens permitiram um detalhamento das necessidades dos professores e a compreensão de que a formação continuada deveria ser desenvolvida em relação ao contexto das aulas, em auxiliar para haver uma minimização das dificuldades e em valorizar as ações de sucesso. As condições não favoráveis em termos de inclusão, recursos pedagógicos, estratégias de ensino e seleção dos conteúdos foram fatores



determinantes para os desafios enfrentados, no entanto conforme mencionado o processo também envolve sucessos significativos. Por fim, analisamos o estudo de Lourenço, et al (2016) sobre a eficácia de um programa de treino de trampolins na proficiência motora de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. Ficou claro que crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA) apresentam um desempenho motor inferior às crianças em geral. Então, o objetivo principal foi avaliar a eficácia de um programa de treino de trampolins, com a duração de 20 semanas, na proficiência motora e índice de massa corporal (IMC) de crianças com TEA. Houve a participação de 17 crianças, foram divididas entre dois grupos, chamados de grupo experimental (n=6), e controlo (n=11). Foram observados que os grupos apresentaram características idênticas na avaliação inicial, mas no que se refere à proficiência motora foram evidentes e significativas às melhorias no grupo experimental depois do programa de trampolins de 20 semanas ( $p < 0.001$ ).

Referente ao grupo de controlo embora se tenham observado melhorias significativas estas não tiveram significado estatístico ( $p > 0.05$ ). No tocante ao IMC não houve alterações significativas em ambos os grupos com a realização do programa de trampolins ( $p > 0.05$ ). Os resultados apontados pelos autores demonstram que a participação em um programa de trampolins com a duração de 20 semanas teve uma significativa contribuição a proficiência motora de crianças com TEA, bem como uma melhoria nos aspectos de ordem física: coordenação bilateral, equilíbrio, velocidade, agilidade, força e coordenação dos membros superiores. **Conclusões:** A partir da identificação, leitura e análise dos estudos supracitados concluímos que as pesquisas e o aprofundamento dessas, são de extrema relevância para o campo educacional. Os estudos deixam claro uma mesma preocupação no que se refere a inclusão do aluno com TEA e que existem desafios frente ao acesso e permanência desse na escola. Elucidam ainda a necessidade e importância da busca por informações e estratégias pedagógicas que eliminem barreiras que impedem o aluno de se desenvolver no âmbito educacional.

### Referências Bibliográficas

GADIA, C; TUCHMAN, R; ROTTA, N. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, Vol. 80, n. 02, p.594, 2004.

ZANON, R.B.; BACKES, B.; BOSA, C.A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo pelos Pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, V. 30, n. 1, p. 25-33, 2004. Disponível em: <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1429/661>

LIMA, S.M.; LAPLANE, A.L.F. Escolarização de Alunos com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. V. 22, n. 2, p. 269-284, 2016. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000200009>



GOMES, C.G.S; SOUZA, D.G. Ensino de Sílabas Simples, Leitura Combinatória e Leitura com Compreensão para Aprendizizes com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. V. 22, n. 2, p. 233-252, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000200007>

FIORINI, M.L. S; MANZINI, E.J. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**. V. 22, n. 1, p. 49-64, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n1/1413-6538-rbee-22-01-0049.pdf>

LOURENÇO, C.C.V. A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**. V. 22, n. 1, p. 39-48, 2016. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382216000100004>



